

O ENSINO DO LÉXICO: A PROPOSTA DO LIVRO DIDÁTICO

DIAS, Eliana

Doutora em Língua Portuguesa e Linguística,
Docente da Escola de Educação Básica da
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Resumo: Este artigo traz abordagens sobre léxico e vocabulário, vocabulário ativo e passivo; léxico e dicionário, além de analisar e descrever dois exercícios de vocabulário de livros didáticos, com o objetivo de contribuir para a melhoria do ensino do léxico na educação fundamental.

Palavras-chave: Léxico; vocabulário; dicionário; exercícios de vocabulário.

Introdução

A idéia de descrevermos e analisarmos exercícios de vocabulário dos livros didáticos, com o objetivo de estudar a proposta dessas obras para o ensino do léxico, surgiu a partir das teorias estudadas no Grupo de Estudo de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da Universidade Federal de Uberlândia (GELLUT-UFU). Desde longa data, percebíamos que os exercícios de vocabulário de livros didáticos eram quase sempre repetitivos e se mostravam como algo aparentemente uniforme em vários livros.

A experiência em sala-de-aula no ensino fundamental com livros didáticos nos fizeram constatar que grande parte dos exercícios de vocabulário desses livros é, em sua maioria, ineficiente para a aprendizagem dos estudantes, isto é, dificilmente esses exercícios “precisam” o vocabulário do aluno ou fazem com que as palavras neles exploradas sejam incorporadas ao seu léxico *ativo*.

Diante disso, acreditamos que muitos exercícios de vocabulário de livros didáticos, da forma como são propostos, não contribuem para que as palavras estudadas sejam incorporadas ao léxico ativo dos alunos e mais, não trazem uma sistematização e uma seqüência gradativa de dificuldades. Enfim, no geral, o ensino do léxico não pode ficar restrito somente aos textos e aos exercícios do livro didático.

1.1. Léxico e Vocabulário

Para um trabalho que tem como objetivo o ensino do léxico, importante que os professores consigam definir **léxico** e **vocabulário**. Para tanto, ressaltamos algumas abordagens de lingüistas estudiosos do tema.

Vamos iniciar a revisão teórica, adotando a definição tradicional de **léxico**, por considerarmos que ela satisfaz aos objetivos desse trabalho. **Léxico** “é o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um falante...” (DUBOIS, 1978, p. 364).

Para Jacqueline Picoche (1977, p. 44) **Léxico** é “o conjunto das palavras de uma língua que estão à disposição dos falantes” e **Vocabulário**, para a mesma autora, é “o conjunto de palavras utilizadas por um determinado falante em determinada circunstância”.

Podemos perceber que essas definições refletem a dicotomia existente entre léxico e vocabulário. Além disso, vale ressaltar que, por se tratar de um inventário aberto, o **léxico** não pode ser descrito em sua totalidade. Em se tratando de um aluno, em particular, o **léxico** é o conjunto das unidades que esse estudante tem à sua disposição para utilizar e compreender. É o que chamam de **léxico individual**, que na verdade, é apenas uma parcela pequena daquele que é o **léxico geral**. (GENOUVRIER & PEYTARD, 1974, p. 279)

Greimas et al (1979, p. 492) definem **vocabulário** como sendo “[...] a lista exaustiva das palavras de um corpus (ou de um texto), por oposição a **léxico**, entendido como inventário de todas as “lexias” de um estado de língua natural.”

Esclarecendo um pouco mais, o termo **vocabulário** é reservado ao discurso, à fala, ao texto em geral. Pode-se depreender daí que “[...] o **vocabulário** empregado por nossos alunos é apenas uma parte, uma pequena amostra de seu **léxico** individual, independentemente de sua riqueza ou pobreza relativas”. (D’ OLIM MAROTE, 1995, p. 128).

Portanto, em outras palavras, o **vocabulário**, resultante da realidade de um texto, é facilmente acessível e definível, já o **léxico** é mais complexo. Este último, que transcende à língua, está sempre ligado a um ou mais locutores. O **vocabulário** de um texto supõe a existência de um **léxico**. Importante destacar que o **léxico**, como conjunto aberto que é, e sempre em expansão, jamais será memorizado por falantes-ouvintes. Em síntese, o **léxico** é a somatória do **vocabulário** empregado por falantes. Importante ressaltar que não é só isso, o léxico é a herança recebida na dimensão total do passado.

Para Vilela (1995, p. 13) há, também, distinção entre **vocabulário** e **léxico**. O referido autor afirma que “o vocabulário é uma subdivisão do léxico, como, por exemplo, o léxico de um autor, o léxico de um texto, o léxico de uma escola, de uma área do saber, etc”. Já Muller (1968) sugere que devemos reservar o termo **léxico** para a língua e **vocabulário** para o discurso.

Garcia (1986, p. 182), um dos poucos autores nacionais a refletir sobre o ensino do léxico, apresenta quatro tipos de vocabulário. “São eles, o da língua falada ou coloquial, o da linguagem escrita, o de leitura e o de simples contato”.

Segundo o autor, o vocabulário coloquial é o de que nos servimos na vida para satisfazer as necessidades do nosso dia-a-dia da comunicação oral. Sabemos que o vocabulário coloquial varia de pessoa a pessoa, nesse caso, as palavras fluem espontaneamente na fala. Para este autor, com certeza, os incultos ou analfabetos conhecem apenas o primeiro.

O segundo tipo, de acordo com o autor mencionado (1986, p. 183):

É representado por palavras que usamos ocasionalmente na linguagem escrita, seja literária ou técnico-científica seja apenas didática. Seu acervo é constituído por palavras do primeiro tipo, acrescidas de outras que raramente, ou nunca, circulam na linguagem coloquial.

No terceiro tipo estão aquelas palavras que não empregamos nem na linguagem literária, nem na linguagem coloquial, mas o sentido nos é familiar, o que nos permite entender uma página impressa, facilmente, sem necessidade de recorrer ao dicionário.

O quarto tipo é o que Garcia denomina vocabulário de contato, aquele que abrange um número considerável de palavras ouvidas ou lidas em diversas situações, mas cujo significado acaba nos escapando. São, na verdade, palavras lidas ou ouvidas, mas não apreendidas. “É assim, um vocabulário hipotético, anódino e inútil, não obstante, bem numeroso”. (GARCIA, 1986, p. 183).

Percebemos entre os estudiosos do assunto uma confusão

entre léxico e vocabulário, mas vale ressaltar a definição de Biderman (1998, p. 164) que esclarece [...] “o léxico constitui um sistema aberto de demarcação praticamente impossível. De fato, o crescimento do léxico faz-se numa progressão geométrica, em virtude da criação contínua de palavras novas”.

Consideradas as definições acima, vale retomar a definição tradicional de léxico como suficiente para o que se propõe este trabalho.

O léxico é o conjunto das palavras duma língua através dos tempos, o que inclui evidentemente a maior parte dos morfemas (os morfemas livres) e todas as unidades codificadas de vários morfemas (palavras derivadas e compostas, lexias). (REY-DEBOVE, apud Vilela, 1984, p. 50)

Levando essas noções para o plano pedagógico, principalmente no que tange ao ensino do léxico nos primeiros anos escolares, a escola não deve esquecer de que seu aluno, quando ali chega, já leva consigo um léxico suficiente para a comunicação com professores e demais funcionários da escola e colegas. Os professores não têm acesso direto a todo o léxico que esse aluno leva para a escola e, ampliar essa pequena amostra do léxico individual dos alunos é o maior desafio desses profissionais.

Desde o momento em que a criança vai para a escola, ela encontra um outro conjunto de palavras que constitui o léxico específico das diversas disciplinas. Entender e reter essas palavras em seu vocabulário *ativo* é tarefa difícil para estes estudantes que têm diante de si exercícios mecânicos e ineficientes.

Quando falamos em *vocabulário ativo* e *vocabulário passivo*, estamos nos referindo à oposição que podemos estabelecer entre conhecimentos *ativos* - que são os que utilizamos espontaneamente através de expressões lingüísticas - e, conhecimentos *passivos* - que são os que podemos compreender e interpretar quando nos são apresentados.

Para Galisson (1979) o *vocabulário ativo* compreende as palavras frequentes e familiares, que estão disponíveis e que podem

ser utilizadas imediatamente, segundo as necessidades da produção lingüística.

Para Garcia (1986) o vocabulário coloquial e o da linguagem escrita constituem o nosso vocabulário ativo, que é, sem dúvida, bem menor do que o passivo - responsável apenas pela compreensão do pensamento alheio e abrange um número considerável de palavras ouvidas ou lidas em situações diversas e cujo significado podemos compreender.

1.2 - Léxico e Dicionário

Necessário se faz descrever o processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais, para se discutir a importância do dicionário no ensino do léxico. Tal processo foi explicado por Biderman (2001, p. 13):

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas.

Todos os nomes criados nesse processo fazem parte da riqueza vocabular de uma língua. As palavras são, de fato, rótulos que explicam o conhecimento que se tem da língua e, segundo a autora (2001) os dicionários dão o testemunho com o arrolamento dessas palavras e de outras culturas, das quais somos herdeiros. Por isso, é importante discutir o uso do **dicionário**, visto por muitos como um instrumento para enriquecimento do vocabulário.

Para Biderman (2001, p. 17) “O dicionário de língua faz uma descrição do vocabulário da língua em questão, buscando registrar e definir os signos lexicais que referem os conceitos elabora-

dos e cristalizados na cultura”. Sem dúvida, o dicionário representa o conhecimento geral culturalmente partilhado por uma comunidade, mas em se tratando da proposta de estudo aqui apresentada, enfatizamos que o dicionário, por apresentar, por vezes, mais de um significado, muitas vezes, dificulta para o aluno o entendimento da palavra. O estudante que consulta o dicionário para encontrar significados, necessita encaixá-los nos textos para uma compreensão do contexto de onde os retiraram.

Nessa discussão, podemos perceber que o dicionário, de modo geral, privilegia a definição das palavras, porque elas guardam em si um significado independentemente do contexto em que se encontram. Para Biderman, isso acontece porque as palavras têm um significado intrínseco, independente de sua contextualização e é isso que permite a confecção de dicionários. De acordo com a autora, é o processo de ensino e aquisição do vocabulário que deve passar pela contextualização. A autora explica no prefácio de seu dicionário:

A característica principal desta obra comparada com outros dicionários similares destinados ao estudante secundário é o fato de este ser um dicionário contextual da língua portuguesa. De fato, não existe nenhuma entrada, ou aceção de palavra, que não esteja explicitada por um contexto. Na verdade, não se consegue evidenciar claramente o significado de uma palavra, a não ser colocando-a em contexto. (BIDERMAN, 1998, p. 5)

É preciso esclarecer que o dicionário é um importante instrumento e possui uma boa imagem entre os falantes da língua. É considerado uma “autoridade na língua”, armazena e recupera vocábulos de frequência regular, integrantes de diferentes normas.

Um número considerável de informações sobre o léxico vem sendo acumulado há séculos pelos dicionários. Os dicionários procuram tipicamente captar o sentido de uma palavra dada (lema) associando-lhe uma ou mais definições, isto é, expressões mais extensas, que analisam o sentido. (ILARI, 1985, p. 36)

Na verdade, o dicionário é visto como representante fiel do universo léxico produzido pela comunidade lingüística, ele investe-se de poder, o poder-fazer-saber (BARBOSA, 1995, p. 203).

Há diferentes tipos de dicionário. Neste trabalho, ficaremos com o dicionário de língua que é utilizado nas escolas do ensino fundamental. Apresenta o conjunto de palavras de uma língua e dá a definição delas. Segundo Rey-Debove (1984, p. 63-64) um dicionário é:

Um texto duplamente estruturado que apresenta: a) uma seqüência vertical de itens, ditos “entradas”, geralmente dispostos em ordem alfabética, seqüência essa chamada “nomenclatura”; b) um programa de informação sobre essas entradas, que forma com ela os verbetes. As entradas são sempre signos lingüísticos, e a informação dada deve aplicar-se, ainda que em pequena parte, ao signo, como o faria, por exemplo, a lista telefônica. Considera-se que a definição é uma informação sobre o signo (seu significado) e sobre a coisa designada pelo signo (o que essa coisa é).

O dicionário de língua é um objeto semiótico que reflete a realidade recortada pelo léxico, além disso, é reproduzidor de significação, pois nele a informação encontra-se organizada sob uma dupla estrutura: uma macro e uma microestrutura. E é por causa dessa dupla estrutura que o dicionário é considerado uma obra de consulta que serve tanto para os especialistas da língua como para os falantes comuns da comunidade ou para os estudantes da língua.

A macroestrutura de um dicionário é composta da lista de verbetes denominada nomenclatura e algumas informações complementares, como introdução, lista de abreviaturas, explicações sobre a gramática da língua ou sobre o processo de confecção da obra e indicação de fontes bibliográficas.

A microestrutura, segundo Vilela (1995, p. 78), consiste na entrada e no “tratamento dado às entradas através das relações definicionais, relações gramaticais, relações semânticas (como

sinonímia, antonímia, polissemia, etc.) e relações pragmáticas (área de uso, freqüência, níveis de língua, etc.)”

Reportamo-nos a Biderman, (2001, p. 18) que explica: “Um dicionário é constituído de entradas lexicais ou lemas que ora se reportam a um termo da língua, ora a um referente do universo extralingüístico. A lista total desses lemas constitui a nomenclatura do dicionário, a sua macroestrutura”.

Como microestrutura, temos o verbete que:

tem como eixos básicos a definição da palavra em epígrafe e a ilustração contextual desse mesmo vocábulo, quer através de abonações por contextos realizados na língua escrita ou oral, quer através de exemplos. Quanto à ilustração contextual (e/ou abonação) ela é essencial para explicitar claramente o significado e/ou uso registrado na definição. (BIDERMAN, 2001, p. 18)

Vale destacar também que a abonação é importantíssima para que o professor possa ilustrar o melhor possível os significados da palavra entrada e seus usos.

Consideremos ainda os minidicionários que são largamente comercializados e utilizados no ensino fundamental por alunos e professores. Costa (1997, p. 50), em pesquisa realizada com minidicionários, revela que “Um exame comprobatório da proposta básica de minidicionários revelou as carências, as deficiências e as lacunas desses textos, numa flagrante contradição com os propósitos declarados pelos autores”. No entanto, apesar dessas deficiências, os minidicionários estão presentes em salas de aula de todo o país.

Segundo o referido autor, (p. 53) baseado nos resultados de sua pesquisa, “os minidicionários não resolvem a maior parte das dúvidas léxicas dos seus consulentes, tornando-se inadequados como fonte de consulta básica”. Mesmo assim, o autor ressalta a importância de adotar uma nova perspectiva pedagógica e usar os minidicionários “como fonte de estudo e reflexão sobre o vocabulário da Língua Portuguesa e não apenas e simplesmente

como fonte de consulta”.

Após esta breve discussão, mesmo diante das falhas, diremos que o dicionário possui um papel relevante no ensino do vocabulário. Ele é muito importante para que o consulente perceba os inúmeros significados e a riqueza de sentidos apresentados nele. O que falta é um trabalho diferenciado com o dicionário na escola.

2. Exercícios de vocabulário do livro didático: análises

Selecionamos dois exercícios, um de antônimo e outro de sinônimo, (uma pequena amostragem) retirados de livros didáticos, para serem analisados com o objetivo de demonstrarmos a inadequação de algumas dessas atividades utilizadas com o objetivo de desenvolver o léxico do aluno. Por exemplo:

Exercício 1

(Fonte: Livro- ALP, 2ª série, p. 52)

LEITURA SILENCIOSA
VOCABULÁRIO

Pesquise num dicionário e escreva no seu caderno o que significam as palavras do texto:

a) revelar b) dicas c) valiosas

O exercício demonstra que exigir que o aprendiz identifique o sentido de palavras, isoladamente, não é suficiente para a aprendizagem; ou seja, não basta reproduzir uma definição, nem tão pouco dar um sinônimo para atingir o domínio efetivo do uso de uma palavra. Os significados das palavras são decorrentes das relações que elas estabelecem no texto com outras palavras.

Neste tipo de exercício não há um envolvimento do estudante

com algum tipo de processamento semântico, o que, sem dúvida, facilitaria a ele reter tais palavras na memória.

O professor, ao solicitar o significado das palavras, está se referindo aos seus sinônimos, mas é interessante notar que no exercício acima, no caso de revelar, por exemplo, o Dicionário Aurélio (1975) apresenta 09 (nove) acepções. Vamos nos ater a 3 delas para tentar analisar a sinonímia solicitada.

Revelar. [Do lat. Revelare.] v. t. d. 1. Tirar o véu a; descobrir, desvelar: A mulher revelou o rosto. 2. fazer conhecer, declarar, divulgar: os jornais revelam os principais conhecimentos. 3. Denotar, patentear, mostrar: sua fisionomia revela preocupação: “os beijos escarlates, [...] os dentes luzidios revelavam uma vida saudável e hábitos castos”. [...] excelente pediatra.

Vejamos a palavra *revelar* no contexto (texto da p. 52 do ALP). “[...] os sonhos têm algo a revelar e por isso tenta compreendê-los, interpretá-los – e buscar dicas..., claro!” Em princípio, todas as relações de sentido são dependentes do contexto, mas se substituirmos pela acepção 1, teremos:

“[...] os sonhos têm algo a descobrir, desvelar e por isso...”

Percebe-se que “descobrir” não é necessariamente sinônimo de “revelar”. Ora, retomando nosso contexto, os sonhos não descobrem algo.

Rocha Lima (1986) lembra que, quase sempre, há leves diferenças de ordem intelectual nos ditos sinônimos. Em nosso exemplo, necessário se faz selecionar a melhor acepção para se ajustar àquilo que se quer realmente exprimir. Voltemos à acepção 2 para substituirmos novamente a palavra do texto.

“[...] os sonhos têm algo a fazer conhecer, declarar, divulgar e por isso tenta...”

Segundo Ullmann (1964), a escolha de algumas palavras é feita com base em associações cognitivas ou afetivas e o que temos é que estudiosos e professores, em geral, jamais pensam ou falam em sinônimos afetivos, mas sim sinônimos cognitivos.

Nessas escolhas, temos questões tais como a aceitabilidade, a dependência do contexto, o valor sentimental ou evocativo e ainda a probabilidade. Qual seria aquela acepção que realmente caberia no contexto?

Dito de outra forma, nem sempre é possível distinguir os sentidos das palavras apenas por intermédio da imaginação, da afetividade e ou do intelecto, isoladamente, sem a ajuda do contexto. Este é um exercício que não conduz a uma real aprendizagem lexical. É o contexto que permite à criança aprender, por exemplo, que não há sinónímias absolutas.

Com relação à instrução do exercício, podemos notar que, se o professor seguir à risca somente a solicitação do autor, a prática nos mostra que, se o estudante for ao dicionário, encontrará várias acepções e as copiará no caderno, conforme solicita o enunciado.

Temos claro que com essas ações, o estudante não guardará em seu estoque lexical tais palavras. Esse exercício não leva o estudante a usar as palavras estudadas em suas conversas ou textos escritos.

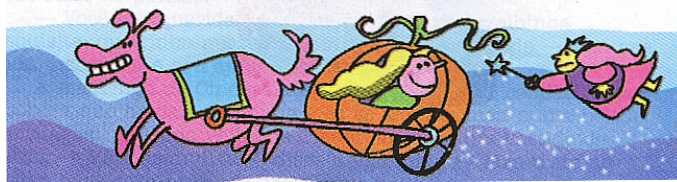
Exercício 2

(Fonte: Livro: ALP - 2ª série, p. 88)

3. Observe o seguinte parágrafo do texto e as palavras sublinhadas.

“A madrasta de Cinderela tinha duas filhas. Essas irmãs de Cinderela eram duas moças muito egoístas e que não gostavam de trabalhar. Em casa, era Cinderela que tinha de fazer tudo. Um dia Cinderela ajudou as irmãs a se vestirem para um grande baile. Depois, com um sorriso nos lábios e muita tristeza no coração, Cinderela continuou a varrer e limpar a casa.”

Escreva os antônimos das palavras sublinhadas.



Embora o exercício acima, aparentemente, melhor estruturado, ou seja: os autores solicitam o antônimo de palavras sublinhadas num contexto e é um texto adequado à faixa etária do aluno de 2ª série, este tipo de exercício também apresenta alguns problemas, segundo nosso ponto de vista.

Vejam os:

1. O enunciado é pobre, solicita, apenas, ao aluno, que escreva o antônimo das palavras sublinhadas.

2. Como já dissemos, atribuir o antônimo às palavras sublinhadas, fora do contexto, revela-se mecânica, uma vez que o conhecimento do componente contextual para determinação do sentido é fundamental à apreensão das informações.

3. Mesmo retornando os antônimos ao contexto, podemos perceber que depois de substituídas as palavras grifadas por antônimos, o texto revela-se incoerente.

É o que veremos a seguir:

Em um momento Cinderela que tinha de fazer nada em casa e em outro, ela, uma moça ajuda duas velhas a se vestirem para um baile e ainda assim fica em casa varrendo e limpando com muita alegria no coração.

Essa seria uma excelente oportunidade para que o professor se fizesse presente para problematizar os aspectos apontados acerca da atividade. Da forma como se aborda o exercício, não se pode dizer que ele, por si só, contribua para a compreensão do texto ou para o enriquecimento vocabular dos estudantes. Se o professor não estiver de posse de uma metodologia eficaz, e as atividades se restringirem ao trabalho mecânico, sem a interferência do professor no sentido de esclarecer tais relações, pouco contribuirá para que o aluno reflita sobre a linguagem. De posse de uma metodologia eficiente, o professor pode contribuir para que o aluno aumente seus conhecimentos lexicais, incorpore novas palavras a seu vocabulário ou compreenda o que lê.

Novamente, há, sem dúvida, a necessidade de se ter exercícios com uma seqüência gradativa de dificuldades, principalmente

nos primeiros anos do ensino fundamental.

Diante desse pequeno quadro, já podemos considerar que o tema procede e, segundo nossa visão e experiência como professora do 1º grau, o estudo do vocabulário nas salas de aula do referido nível de ensino, se constitui, basicamente, em seguir as orientações do livro didático adotado. Na prática, a escolha desse livro geralmente acontece, nas escolas, independente do reconhecimento das necessidades e especificidades de cada turma. Na verdade, são diversos fatores que interferem nessa escolha, e estes não serão objeto de estudo deste trabalho.

Assim, já que a maioria dos professores pauta suas aulas pelo livro didático, surge a necessidade de se pesquisar e analisar mais detalhadamente os exercícios de vocabulário expostos nesse tipo de livro. Além disso, uma fundamentação teórica sobre o assunto fornece subsídios à pedagogia do léxico para elaboração de exercícios de vocabulário mais eficazes.

Vale ressaltar que, em nossa tese de Doutorado, procuramos descrever e analisar, mais detalhadamente, a proposta do livro didático, especificamente em relação ao ensino do léxico.

1. Considerações finais

Acreditamos, portanto, que o caminho para contribuir tanto teoricamente, quanto metodologicamente para o ensino do vocabulário na escola fundamental, não deve passar somente pela abordagem que os autores dos livros didáticos dão aos exercícios de vocabulário, mas, com certeza, pelo crivo de uma visão mais ampla de professores, estudiosos e pesquisadores do léxico. Essa visão envolve estudos sobre léxico; vocabulário; dicionário, Lexicologia, Lexicografia, ensino do léxico, bem como pesquisas sobre as relações semânticas: a sinonímia, a antonímia, a hiponímia, a hiperonímia e etc.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos de neologismo*. São Paulo: Plêiade, 1995.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. *As ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. (org.) OLIVEIRA, Ana Maria P; ISQUERDO, Aparecida NEGRI, 2. ed. Campo Grande MS: UFMS, 2001. 265 p.
- CÓCCO, Maria Fernandes.; HAILER, Marco Antônio. ALP – *Análise, Linguagem e Pensamento: um trabalho numa proposta socioconstrutivista*. São Paulo: FTD, 1999. 4 v.
- COSTA, Luís Carlos. Os minidicionários e o ensino/aprendizagem do vocabulário da língua portuguesa. In: *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. 17, jun, 1997. p. 47-54.
- D' OLIM MAROTE, João Teodoro. O ensino do léxico em língua materna e estrangeira. In *Revista Brasileira de Lingüística*, São Paulo: Plêiade, v. 8, n. 1, 1995. p. 119-140.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de lingüística*, São Paulo: Cultrix, 1978.
- FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Enriqueça o seu vocabulário*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- GALISSON, Robert. *L'apprentissage systématique du vocabulaire*. livre du maitre. Paris: Hachette, 1979.
- GARCIA. Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986. 522 p.
- GENOUVRIER E. & PEYTARD, J. *Lingüística e ensino do português*. Tradução de Rodolfo Ilari. Coimbra: Almedina, 1974. p. 277 - 371.
- GREIMAS, A.J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Tradução de Alceu Dias et al. São Paulo: Cultrix, 1995. 493 p.
- ILARI, Rodolfo. *A lingüística e o ensino da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1985. 223 p.
- MULLER, Ch. *Initiation à la statistique lingüistique*. Paris: Larousse, 1968.
- PICOCHÉ, Jacqueline. *Précis de Lexicologie Française: l'étude et l'enseignement du vocabulaire*. Paris: Nathan Université, 1977. 191 p.
- REY-DEBOVE, J. Léxico e Dicionário. *Alfa*, São Paulo, v.28, 1984. p. 45-69
- VILELA, M. *O Ensino da Língua Portuguesa: léxico, dicionário, gramática*. Coimbra: Almedina, 1995. 287 p.